

# Os desafios das diferenças: rompendo expectativas na construção de uma carreira científica

## RESUMO

**Márcia Barbosa de Menezes**  
Email: [marmon28@gmail.com](mailto:marmon28@gmail.com)  
Universidade Federal da Bahia,  
Salvador, Bahia, Brasil.

Este artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre os obstáculos e intolerâncias vividas na trajetória acadêmica de uma pesquisadora negra oriunda de classe social menos favorecida, que, além de enfrentar a tríplice opressão – gênero/cor/classe social, desafiou os mitos da pretensa ‘incompatibilidade’ das mulheres com os campos das Ciências consideradas “duras”, ingressando e tornando-se pesquisadora na área da Matemática. Pretende-se também, através do seu exemplo de pertencimento e méritos profissionais como docente/pesquisadora em Matemática, traduzir a importância da sua representatividade como mulher negra doutora para futuras gerações de jovens aspirantes à seara da Ciência e Tecnologia. A metodologia utilizada foi a entrevista semiestruturada analisada à luz da Análise do Discurso, buscando desvelar, nos discursos da acadêmica, os estereótipos enfrentados e suas formas de luta e resistência para sobreviver e avançar em um campo ainda minado pelo racismo e sexismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres. Negra. Classe Social. Matemática.

## INTRODUÇÃO

O século XXI desponta no mundo com inúmeras inovações e descobertas que por certo têm ajudado as sociedades a crescerem e evoluírem. É claro que todo esse crescimento é merecedor de reconhecimento, mas uma sociedade não pode ser considerada evoluída, avançada se mantém o viés das desigualdades sociais imperando em suas entranhas.

É visível que, caminhando junto com o crescimento, existe um aumento acentuado da intolerância, da falta de respeito e agressividade da sociedade em relação, por exemplo, a gênero, cor, classe social, orientação sexual, enfim, a várias formas de diversidades existentes no meio social.

Traçamos como objetivo deste artigo conhecer, escutar e analisar as possíveis intolerâncias enfrentadas por uma acadêmica negra oriunda de classe social menos favorecida, que, além de ter sua trajetória de vida permeada pela tripla opressão – gênero, cor e classe social –, desafiou um campo profissional ainda hoje majoritariamente povoado pelos homens – o campo da Matemática, ingressando como pesquisadora nesta área. O desafio da nossa protagonista está ligado aos dados apresentados em diversos estudos (TABAK, 2002; CABRAL; BAZZO, 2005; MELO, 2006; GUEDES, 2008; NEGRI, 2020), que divulgam questões como: *“Você sabia que a participação feminina na pesquisa científica matemática no Brasil não chega a 25%?”* (PESQUISADORA..., 2018)

Para alcançar o objetivo proposto, realizou-se uma entrevista semiestruturada, em que, de acordo com Valdete Boni e Sílvia Quaresma (2005, p. 75), “a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas, [...] podem assim fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa.” Além disso, a condição da entrevistadora, sendo também da área de Matemática, proporcionou uma atmosfera de maior confiabilidade, “[...] quando existe uma certa familiaridade ou proximidade social entre pesquisador e pesquisado as pessoas ficam mais à vontade e se sentem mais seguras para colaborar.” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 76). A Análise do Discurso foi utilizada para analisar e desvelar práticas discursivas que atravessam o cotidiano da acadêmica e suas formas de luta por transformá-las, pois “por um lado, estruturas organizam a produção discursiva nas sociedades e [...], por outro, cada enunciado novo é uma ação individual sobre tais estruturas, que pode tanto contribuir para a continuidade quanto para a transformação de formas recorrentes de ação.” (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 25).

A protagonista aqui retratada, que passaremos a chamar ficticiamente de Annie Easley<sup>1</sup>, relatou, durante a entrevista, que realiza um trabalho de conscientização e valorização da cultura negra, particularmente com suas/seus alunas/os, mostrando que “a invisibilização e silenciamento do pensamento negro têm consistido numa das formas mais eficazes para a permanência e reprodução da alienação cultural e postergamento da emergência e florescimento do pensamento crítico negro.” (CARNEIRO, 2006, p. 12).

Ao falar das cotas nas universidades, a nossa protagonista Annie chama a atenção para a importância das discussões sobre o tema,

*“Quando se tem um aluno pobre, um aluno negro (como a maioria da população pobre é negra) você está nas mãos com um aluno que não teve nenhuma oportunidade e que se a gente não começar a discutir de forma institucional essa questão do racismo, não vamos conseguir caminhar. É importante que a sociedade discuta e esteja aberta para entender que as cotas são uma reparação necessária para a população negra. Estamos mudando a cor no sentido de ter profissões em que antes não existam pessoas negras atuando.”*

A questão das cotas nas universidades também é defendida pelo professor e historiador Sidney Chalhoub (2017, p. 5) que chama atenção para “a propaganda maldosa” que se faz em relação às cotas e à exclusão do mérito, segundo o professor:

Não é possível que todos os candidatos entrem em competição pelas vagas como se tivesse havido uma igualdade ideal de oportunidade entre eles. Não se pode fazer com que o aluno negro, pobre e que estudou numa escola pública localizada na periferia de Campinas, concorra em igualdade de condições numa prova padronizada com alunos cujos pais cursaram universidade, têm alto poder aquisitivo e alto acesso ao capital simbólico. É preciso que a universidade busque equilibrar essa disputa. Desse modo, quando há reserva de vagas para negros e pessoas de baixa renda, a competição se dá entre eles, entre iguais. Então, não há exclusão do mérito. É uma maneira de ter o mérito qualificado pelas condições sociais e econômicas dos candidatos, e não uma competição que exclui alguns segmentos da sociedade desde sempre. Então, a ideia da meritocracia como valor universal, fora das condições sociais e históricas que marcam a sociedade brasileira, é um mito que serve à reprodução eterna das desigualdades sociais e raciais que caracterizam a nossa sociedade. Portanto, a meritocracia é um mito que precisa ser combatido tanto na teoria quanto na prática. Não existe nada que justifique essa meritocracia darwinista, que é a lei da sobrevivência do mais forte e que promove constantemente a exclusão de setores da sociedade brasileira. Isso não pode continuar.

O professor Sidney e a nossa protagonista Annie mostram, em suas falas, a importância de se discutir políticas públicas que proporcionem a população negra, indígena e pobre, oportunidade de acesso e permanência no meio educacional.

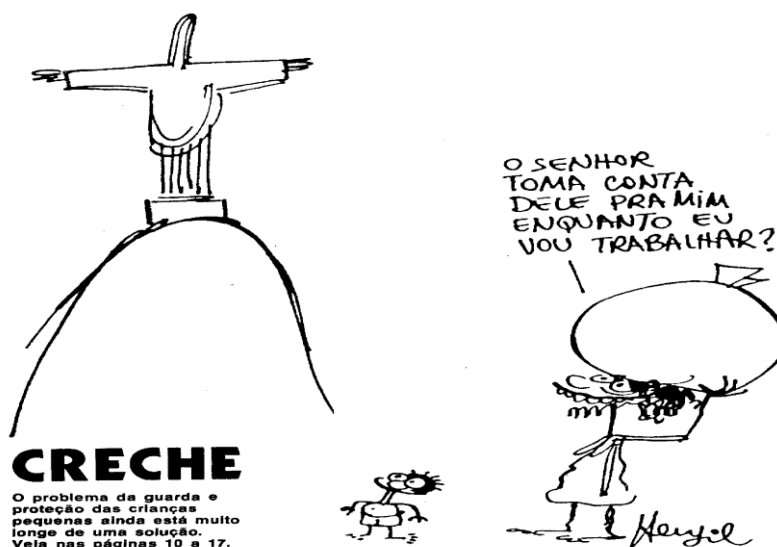
Além disso, divulgar a trajetória de luta, garra e determinação desta acadêmica negra e pobre, que alcançou, por seus próprios méritos, o espaço das pesquisas científicas no campo matemático, certamente poderá contribuir, através da sua representatividade<sup>2</sup> para incentivar a realização dos sonhos das futuras gerações de jovens mulheres que se interessam pela área da Ciência e da Tecnologia.

## **A TRAJETÓRIA DA ACADÊMICA**

Nascida em Salvador em 1985, a acadêmica é filha única da relação entre os pais. Na época do seu nascimento, sua mãe trabalhava em uma casa de família atuando nos afazeres domésticos. A jovem viveu durante um bom período nesta

casa, compartilhando os espaços que lhe eram permitidos. Segundo Annie, o fato de ter morado com a mãe no local de trabalho, proporcionou, para a mãe, certo alívio em não precisar deixar sua pequena filha aos cuidados de vizinhas ou de creche.

Figura 1 – Charge de Henfil (1981)



Fonte: Capa (*Revista Mulherio*, ano I, n.4, nov./dez. 1981).

Segundo Sueli Carneiro (2003, p. 1), no Brasil, os trabalhadores domésticos são compostos em sua maioria, por mulheres negras que fazem “[...] parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas, tipo exportação”, cujas vidas, em geral, são marcadas por obstáculos na luta pela sobrevivência. Segundo a fala de Annie, para sua mãe, não foi diferente:

*“Minha mãe vivenciou algumas questões principalmente pelo fato de ser mulher negra. E com sua sabedoria intrínseca, ela não queria que eu fosse empregada doméstica, esse era o grande medo dela. Raramente eu lavava um prato, e quando tinha que fazer na casa onde ela trabalhava, ela ficava muito chateada porque, na cabeça dela, a empregada da casa era ela e não eu. O pensamento era minha filha não vai ficar aqui sendo uma ajudante de doméstica. Ela dizia: ‘não, minha filha vai estudar. Essa é a prioridade. Ela vai ter um futuro diferente’”.*

Apesar do pouco estudo, a mãe da jovem atuava de acordo com as concepções descritas por Adriana Vallejos et al. (2003, p. 430): “[...] as mulheres [...] têm tentado tirar suas filhas e congêneres deste espaço exclusivamente dedicado à reprodução biológica e à repetição do mesmo.”

As adversidades e humilhações contidas nas trajetórias das mulheres negras fazem com que o medo e o desejo se misturem na luta para tirar suas/seus filhas/os desse contexto. *“Ela não queria que eu fosse empregada doméstica, esse era o grande medo dela”.* O objetivo da mãe de Annie era possibilitar outro caminho para sua filha, longe das imposições sociais que determinam, “para as

populações consideradas descartáveis, como são os negros”, espaços inferiores (CARNEIRO, 2003, p. 3).

A mãe da jovem começou a pôr em prática seus objetivos ao matricular sua filha na escola desde novinha. Após ser aluna de uma escolinha infantil, a jovem ingressou em uma escola pública: “Eu estudei toda minha trajetória escolar em escola pública, desde a primeira série até o terceiro ano do médio”.

Mesmo com todas as dificuldades, a mãe de Annie continuou firme em seu propósito de encaminhá-la aos estudos: “*Minha filha vai estudar. Essa é a prioridade. Ela vai ter um futuro diferente*”. Podemos inferir que o posicionamento da mãe de Annie em manter a filha na escola foi diferenciado, pois, em geral, há a necessidade de se colocar os/as filhos/as no mercado de trabalho muitas vezes como condição para a própria sobrevivência da família. Essa questão, entre outros fatores, provoca uma evasão escolar acentuada da população negra e pobre do país.

Quase metade dos jovens negros, de 19 a 24 anos, não conseguiram concluir o **ensino médio**. De acordo com dados do IBGE, divulgados nesta semana com relação a 2018, enquanto o índice de **evasão escolar** chega a ser de 44,2% entre os homens, um recorte de gênero e raça revela ainda que sobre as **mulheres negras**, da mesma faixa etária, o abandono escolar é uma realidade para 33% das jovens. [...] [esses dados] têm relação direta com a formação da sociedade brasileira, o racismo é estrutural na sociedade, [...] obviamente isso afeta, sobretudo, a juventude negra da periferia, **os alunos negros não se reconhecem nas escolas, nos livros didáticos, nas falas dos professores**. (REDE BRASIL ATUAL, 2019). (Grifos do texto)

Segundo o antropólogo e professor Kabengele Munanga (2012, p. 12), o não reconhecer-se está associado a uma ação política de destruição cultural.

[...] a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A negritude ou identidade negra se refere à história comum que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos portadores de pele negra, que, aliás, são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é, como parece indicar o termo negritude, a cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mais do que isso, ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas.

É necessário, portanto, desconstruir essa invisibilidade histórica no próprio meio educacional, o qual deve “proporcionar discussões verticalizadas a respeito das diferenças presentes, favorecendo o reconhecimento e a valorização da contribuição africana, dando maior visibilidade aos seus conteúdos até então negados pela cultura dominante.” (MENEZES, 2003, p. 105).

Ao concluir o ensino médio, a jovem tinha em mente continuar sua caminhada educacional e contou sempre com o apoio incentivador da mãe. “Em casa minha mãe me apoiava, ela trabalhava como diarista na época. Era uma vida

difícil, porque pagávamos aluguel, era bem apertado”. Seu discurso revela o esforço pessoal para superar as dificuldades, os estigmas da negação de potencialidades, da negação de sua cultura e a falta de representatividade nos seus espaços. O sonho com o curso superior esteve associado também à indecisão sobre a escolha profissional, algo que atinge, em geral, a maioria das/os jovens.

*“Demorei bastante para decidir o que iria escolher como profissão. Mas decidi fazer realmente o que eu gostava; o que me interessava e que tinha certeza que me faria feliz. Escolhi a graduação em Matemática. Sempre adorei matemática. Sempre tive afinidade com a disciplina. Adorava ensinar.”*

Neste momento, a jovem mulher negra quebrou outro paradigma: resolveu fazer o percurso das abstrações, do pensamento lógico, indutivo, criativo, relativos às consideradas habilidades matemáticas. Fez vestibular e foi aprovada para o curso de graduação em Matemática, uma área ainda marcada pelo androcentrismo.

A acadêmica desvincula-se, portanto, do contexto das pretensas ideias difundidas pelas representações sociais que, evadas de preconceito quanto a um suposto déficit cognitivo das mulheres para os altos níveis de abstração considerados essenciais para o raciocínio matemático, têm influenciado as escolhas profissionais de muitas jovens, como expressa o texto a seguir transcrito.

Particularmente, ao se falar de Gênero e Matemática, ainda parece haver uma desconexão, uma difícil articulação de ideias, isso porque não podemos esquecer que o universo do saber, o universo da Ciência Moderna mantém a herança do patriarcado. Herança que constituiu o saber matemático baseado na abstração, no pensamento lógico, racional, objetivo, como elementos primordiais às/aos aspirantes aos campos das ciências consideradas ‘duras’. Mas, essas características, não ingenuamente, se configuraram como inatas apenas aos homens, refletindo assim os mitos construídos pela ciência para conservar sua hegemonia masculina. (LIMA E SOUZA; MENEZES, L.; MENEZES, M., 2018, p. 4).

O discurso da acadêmica coloca em evidência a questão da classe social e a desvalorização financeira da carreira docente, ao dizer: “Eu tive uma professora no colégio, que achava que por eu ter vindo de família humilde deveria seguir outra área com retorno financeiro melhor.” Diante da grande dificuldade financeira da aluna, a professora, por também enfrentar suas dificuldades salariais tão comuns à classe docente, incentivou sua aluna a seguir outros caminhos.

*“Tinha algo muito interessante: O fato de você ser uma aluna de escola pública as pessoas não acreditam muito no seu potencial, mas como eu sempre gostei muito de estudar e me saía bem, havia uma mistura de acreditar no meu potencial e por isso então não me incentivavam em fazer matemática. Ao contrário, o pensamento era que eu deveria fazer outra área mais rentável, pois a ideia era de quem faz matemática vai ser professora de ensino fundamental ou médio.” (ANNIE, 2018)*

Por que será que a perspectiva das pesquisas científicas não é incentivada? Será que a questão do gênero continua imperando na imagem do ser cientista? Será que o mito do cientista no imaginário social continua sendo um personagem masculino excêntrico, de meia idade, usando óculos e jaleco? Mesmo com essas imagens predominantes na sociedade, a jovem acadêmica vai descobrir novos caminhos na área da pesquisa científica.

Durante o curso, ela iniciou seu percurso no âmbito das pesquisas, ingressando com bolsa de estudo na Iniciação Científica, uma oportunidade que lhe proporcionou ficar envolvida apenas com os estudos. A bolsa era pequena, mas, com a determinação da jovem em ter mais tempo livre para aprimorar seus conhecimentos, foi possível ficar afastada de subempregos.

*“Me envolvi com a iniciação científica e consegui bolsa. Era um valor baixo, mas eu comecei a ter mais noção de que o meu rendimento estava ligado a ter mais tempo para estudar, desenvolver o trabalho científico com mais afinco. Resolvi me segurar, me ligar mais neste trabalho. Comecei a ter mais noção do que era o trabalho científico.”  
(ANNIE, 2018)*

Cada vez mais, a jovem se envolvia com o trabalho e seus horizontes foram se abrindo em direção a fazer pesquisa científica. Annie se formou no bacharelado em Matemática aos 21 anos de idade com a certeza de prosseguir para os cursos de mestrado e doutorado na área escolhida. Sabia que era uma decisão difícil, pois teria de continuar se mantendo com a pequena bolsa de estudo: “Me segurei com objetivos futuros. Minha mãe sempre me apoiou muito. Sempre me dizia: –Minha filha, fique tranquila, se você acha que é melhor ficar só estudando tudo bem. A gente vai segurando as coisas até termos condições de melhorar.”

Aos 23 anos de idade, a jovem concluiu o mestrado, aos 27, o doutorado e, aos 28, o primeiro pós-doutorado. Aos 28 anos, realizou, obtendo aprovação, concurso para docência em uma universidade pública. Ela se mantém atuante como docente, pesquisadora, orientadora de mestrado e doutorado, assumindo cargos administrativos, enfim, atuando na tríplice função acadêmica: ensino, pesquisa e extensão.

### **Os percalços enfrentados durante o processo de formação educacional e profissional.**

Um momento especialmente suscetível às influências dos estereótipos de gênero ocorre quando jovens mulheres realizam suas escolhas profissionais. Claro que, nesse momento, toda a força das construções sociais e culturais que foram assimiladas e impostas pela sociedade patriarcal se faz presente. O processo de socialização que é imposto às nossas crianças estabelece uma hierarquia de papéis que vai sendo construída desde muito cedo. Particularmente, a articulação cultural e científica que socializa as mulheres como biologicamente inaptas ao campo do pensamento lógico contribuirá para o afastamento delas das áreas das Ciências e Tecnologias e/ou irá direcioná-las para a docência, em detrimento de sua participação na produção de conhecimento, campo este ocupado pelos homens. Portanto, ainda persistem, na sociedade, as escolhas profissionais marcadas pelo gênero: “Na graduação (em



matemática), na minha época, o número de mulheres era muito baixo, acho que na faixa de uma mulher para quatro homens.”

Estudos como os de Jacqueline Leta (2003), Gilda Olinto (2011) e Christina Brech (2017) mostram que esse quadro está se modificando, ou seja, está ocorrendo uma inserção maior das mulheres no campo científico, o que tende, em muitas universidades, a se equiparar ao número de homens. O questionamento atual é saber o porquê desse aumento não estar sendo, na graduação, acompanhado na mesma proporção que ocorre em nível de mestrado e, principalmente, de doutorado. Será que esse aumento na graduação em Matemática está vinculado ao curso de licenciatura, o qual irá proporcionar o ingresso das mulheres na docência, mantendo assim a concepção engendrada da docência como profissão feminina?

*“No mestrado foram, mais ou menos, metade de homens e metade de mulheres. No doutorado, já diminuiu drasticamente, eram na faixa de 3 ou 4 mulheres para 12 ou 13 homens. Quanto mais você vai adquirindo títulos, você vai se sentindo sozinha. Você não se vê representada.”(ANNIE, 2018)*

A falta de representatividade das mulheres no doutorado, nos postos de maior poder, passa pelos mecanismos de segregação que limitam seus avanços profissionais. Segundo Olinto (2011, p. 69), dois tipos de segregação ocorrem:

**Segregação horizontal** – as mulheres são levadas a fazer escolhas e seguir caminhos marcadamente diferentes daqueles escolhidos ou seguidos pelos homens. Sobretudo pela atuação da família e da escola, as meninas tendem a se avaliar como mais aptas para o exercício de determinadas atividades e a estabelecer para si mesmas estratégias de vida mais compatíveis com o que consideram ou são levadas a considerar como mais adequado para elas. A segregação horizontal inclui mecanismos que fazem com que as escolhas de carreiras sejam marcadamente segmentadas por gênero. Como as profissões femininas tendem a ser menos valorizadas no mercado de trabalho, considera-se que a segregação horizontal das mulheres está relacionada a outro tipo de segregação chamada de vertical.

**Segregação vertical** – é um mecanismo social talvez ainda mais sutil, mais invisível, que tende a fazer com que as mulheres se mantenham em posições mais subordinadas ou, em outras palavras, que não progridam nas suas escolhas profissionais.

Nossa protagonista relata sua vivência em relação as segregações vividas e observadas.

*“Você se pergunta sempre: Por que eu estou sozinha aqui no doutorado? Eu vejo isso por vários fatores: falta de incentivo para as mulheres em carreiras “duras”; criação diferenciada entre meninos e meninas; responsabilidades impostas às mulheres: cuidar da casa, dos filhos, da família, a cobrança é grande. Eu acho que isso é um ponto, ou seja, as mulheres param em determinados níveis devido à pressão social que é muito forte, muito intrínseca.” (ANNIE, 2018)*

Ao relacionarmos os aspectos culturais, particularmente ao campo da Matemática, verifica-se que desde o advento da Ciência Moderna, que “já nasceu como uma instituição marcadamente patriarcal e instaurando um projeto de dominação [...] profundamente masculino-machista”, se estabeleceu e se



fundamentou o culto da ‘racionalidade’ e da ‘objetividade’ como critérios essenciais para o seu desenvolvimento e, “consequentemente, a uma tendência para estabelecer ‘objetivamente’ a inferioridade da inteligência feminina.” (JAPIASSÚ, 2001, p. 67).

A fala da acadêmica ao dizer “eu sempre estranhei a ausência das mulheres à medida que o nível vai aumentando. O pensamento é que mulheres não estão na matemática, porque a área é difícil. O pensamento é que mulheres não são feitas para a área de exatas. Não sei bem entender o que seria esse difícil, mas sei que não há incentivo para o raciocínio lógico, para brincadeiras criativas desde a fase de criança”, traduz exatamente o peso do projeto estabelecido pela Ciência Moderna que “objetificou a nós, mulheres, negou-nos a capacidade e autoridade do saber” (SARDENBERG, 2002, p. 89). O discurso da acadêmica condiz com as tramas impostas,

*“Tudo afasta as mulheres das áreas consideradas ‘duras’, os brinquedos são direcionados para o cuidado, o machismo impera, as mulheres são quase que obrigadas a se direcionar para o cuidado com a família. Se você não faz isso é uma loucura, você é a egoísta da história. A cobrança em cima da mulher é muito grande.” (ANNIE, 2018)*

A partir dessa problemática,

O processo de trazer mulheres para a ciência exigiu, e vai continuar a exigir, profundas mudanças estruturais na cultura, métodos e conteúdo da ciência. Não se deve esperar que as mulheres alegremente tenham êxito num empreendimento que em suas origens foi estruturado para excluí-las. (SCHIEBINGER, 2001, p. 37).

A acadêmica tem consciência dos percalços que enfrenta diariamente ao ter escolhido atuar profissionalmente na área das Ciências Exatas.

*“No meu caso, acho que o fato de ser mulher e negra impacta bem mais, porque eu venho de várias minorias juntas: mulher, negra e jovem. As pessoas acham que eu tenho 18 anos, mas o que mais impacta é ser mulher e negra. Porque a academia ainda é vista como um lugar não associado à participação das mulheres e ainda mais das mulheres negras, essas duas características associadas a área da Matemática impactam bem mais as pessoas. O pensamento é que não é esse o lugar que se espera para ela (Mulher). A Matemática não é associada às mulheres.”*

Atualmente, as mulheres estão em todos os lugares, conseguiram inserção e posições no mercado de trabalho, mas o que se questiona, hoje, não é mais onde elas estão e, sim, como estão inseridas nesses lugares? Estão avançando em suas carreiras? Como estão vivendo a relação mundo público x mundo privado?

Alguns estudos mostram que a visão patriarcal da sociedade ainda se mantém, ou seja, as mulheres avançam, mas continuam encontrando obstáculos nos seus “labirintos de cristal”<sup>3</sup>.

A pesquisadora Carla Cabral e o pesquisador Walter Bazzo (2005, p. 5) argumentam:

Hoje, não há restrições aparentes para o seu acesso aos sistemas educacionais, mas ergue-se uma série de outras barreiras que restringem sua participação na produção do conhecimento científico e tecnológico, hierárquica e territorialmente, num universo androcêntrico de pesquisa e trabalho.

A história da acadêmica revela uma trajetória de luta para driblar a tríplice discriminação de gênero, cor e classe social e chegar ao patamar das pesquisas científicas. Mas, ao chegar, também enfrenta a barreira das 'dúvidas' em relação a sua produção de conhecimento. As mulheres são aceitas como coadjuvantes e não como sujeitos de conhecimento.

*“Aqui dentro (da Universidade) ocorre muito é a dúvida em relação ao meu potencial, ou me associam a um outro lugar que não a Matemática. Sempre a pergunta: Você trabalha aqui? Ah, você é das Humanas? Ocorre sempre o espanto quando digo que sou professora da Matemática. Justamente porque se faz uma leitura social das mulheres negras dentro da universidade associada com a pessoa da limpeza, com o trabalho terceirizado. Provavelmente era essa associação que as pessoas faziam, na verdade talvez ainda façam isso quando me veem. A gente acha que isso é pouco, mas não é. Isso vai deixando sua autoestima muito para baixo.” (ANNIE, 2018)*

Essa fala demonstra o peso das categorias gênero e cor enfrentados pelas acadêmicas negras. Segundo Margareth Rago (2013, p. 23), “Num meio no qual as formas sociais, as atividades profissionais e as expressões artísticas haviam sido moldadas pelos homens, a expressão feminina não seria nada fácil”.

As representações sociais nos campos científicos e tecnológicos continuam atuantes em nossa sociedade. Apesar do aumento do número de mulheres nesses setores, a inserção delas em determinadas áreas continua apresentando divisões hierarquizadas.

A inserção [*delas*] continua sendo um ato de transgressão, pois as regras de sociabilidade [...] continuam eivadas de representações tradicionais de feminino e masculino que localiza as mulheres, [...] em uma situação, senão de desvantagem, ao menos de suspeição quanto à sua capacidade. [...] Persistem mecanismos de discriminação de gênero e uma divisão sexual de trabalho hierarquizada. (LOMBARDI, 2013, p. 121).

E a escritora bell hooks (1995, p. 468) complementa:

As intelectuais negras trabalhando em faculdades e universidades enfrentam um mundo que os de fora poderiam imaginar que acolheria nossa presença, mas que na maioria das vezes encara nossa intelectualidade como suspeita. [...] mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas só corpo sem mente.

As mulheres enfrentam diariamente as cobranças, as discriminações e, particularmente quando se inserem em uma área considerada mais 'apropriada' para o masculino, sofrem e lutam para serem vistas, ouvidas e respeitadas.

*“Eu acho que as pessoas me engolem, elas ainda não me aceitam bem. O tempo inteiro eu acho que as pessoas duvidam do que eu*

*faço. Por conta do meu jeito de ser, de tentar sempre levar as coisas de forma democrática, conversando, então as pessoas atribuem tudo a minha simpatia, isso também é um preconceito. Quando atribuem tudo a minha simpatia eu fico meio brava, porque não é simpatia, posso até ser simpática, mas eu também tenho competência e é por isso que me destaco. Porque eu trabalho muito, ralo muito para chegar aonde desejo. As coisas não aconteceram de paraquedas, não aconteceram de um dia para o outro, houve muito estudo, muito trabalho.” (ANNIE, 2018)*

O discurso de Annie deixa evidente a discriminação que as mulheres e, particularmente, as mulheres negras enfrentam no dia a dia do trabalho acadêmico. Associar a capacidade cognitiva da pesquisadora a uma característica relacionada ao emocional, a um sentimento de solidariedade – você é simpática, agradável, dedicada para com o outro – é uma tentativa constante de fazer valer os atributos impostos e disseminados pela representação social para manter as mulheres no patamar de menor valia e, desse modo, desqualificar e invisibilizar o pertencimento e as contribuições da acadêmica no espaço matemático como produtora de conhecimento. Relacionar sua trajetória de luta, de avanços e conquistas a sua simpatia é um grande preconceito, o qual só reforça que a luta para destituir todas as manifestações de “asfixia social”<sup>4</sup> precisa ser intensificada nos espaços acadêmicos. Fica a reflexão: será que na avaliação e no olhar dos docentes homens, em relação ao trabalho e pesquisas de seus colegas homens, as lentes da “simpatia” são também usadas? Como afirma a entrevistada: “Tenho plena clareza de que isso tudo é uma construção. Não é direcionado a mim, é direcionado ao que eu represento. Estamos numa sociedade que está doente em vários sentidos e é reflexo desses fatores o tempo inteiro. Temos que aprender a lidar com isso, mas é difícil.”

Será difícil, perverso e conflitante enquanto as concepções educacionais continuarem atuando sem valorizar as diversidades sociais, as diferentes culturas existentes na sociedade.

Não há livros de história usados nas escolas públicas que nos informem sobre o imperialismo racial. [...] Ninguém falou sobre a África como o berço da civilização, sobre os africanos e os asiáticos que chegaram à América antes de Colombo. [...] Ninguém discutiu a escravatura como a fundação para o crescimento do capitalismo. [...] As instituições de educação acadêmica nada fizeram para aumentar a nossa compreensão limitada do racismo como uma ideologia política. Ao invés, os professores sistematicamente negaram a verdade, ensinando-nos a aceitar a polaridade racial na forma da supremacia branca e polaridade sexual na forma de domínio masculino. (hooks, 2014, p. 87).

Kabengele Munanga (2012, p. 10) enfatiza:

[...] a necessidade e importância de ensinar a história da África e a história do negro no Brasil a partir de novas abordagens e posturas epistemológicas, rompendo com a visão depreciativa do negro, para que se possam oferecer subsídios para construção de uma verdadeira identidade negra, na qual seja visto não apenas como objeto de história, mas sim como sujeito participativo de todo processo de construção da cultura e do povo brasileiro.

No discurso da acadêmica, aparece a questão da identidade, ou melhor, a desvalorização da identidade, da subjetividade de cada indivíduo, a população negra sendo tratada de forma geral como possuidora de uma única identidade coletiva<sup>5</sup>.

*“Certamente, todos os dias, passamos por preconceitos e discriminações. Não só o racismo, mas também por ser mulher. Mulher negra é mais difícil. [...] quando eu fui para o doutorado é que eu passei a me dar conta, ter mais consciência destes processos de preconceitos. No doutorado eu era uma mulher negra nordestina no Sudeste, em uma grande universidade, onde eu convivia com colegas de todo Brasil a maioria branca. Tinha alguns colegas negros e, era muito engraçado porque eles nos confundiam, achavam que todas nós éramos parecidas, **não tínhamos uma identidade**. Aí você começa a observar que não é uma coisa local, que tem algo por trás disso. O fato de você ser nordestina, o seu modo de falar, as pessoas não te dão voz, porque elas acham engraçado. Além de você ser mulher preta, você fala de forma engraçada, sendo que todas têm sotaque diferente. Tínhamos no curso uma multiplicidade de pessoas, então era natural os vários sotaques diferentes. **Mas a coisa do nordestino tem uma carga muito maior**. Não é só o engraçado do diferente, é o engraçado no sentido pejorativo. Então, o fato de ser mulher negra nordestina exige muito mais de você. Meu pensamento era: eu tenho que fazer muito melhor sempre.”*  
(ANNIE, 2018)

Observa-se no discurso de Annie que ela sentiu na pele a questão da desvalorização da/o nordestina/o na “cidade grande”, sentiu a xenofobia<sup>6</sup> que permeia o cenário nacional. Inferimos que, na mente doentia dos xenofóbicos, a população nordestina é considerada inferior, subalterna, desinformada. Oh, triste xenofobismo! Oh, alegria e satisfação pela Região Nordeste e por sua população! Região rica em cultura e, graças a sua diversidade cultural, sempre apresentou ao mundo grandes nomes da música, da arte, da história, da ciência, da tecnologia, entre outras áreas. Mais um preconceito que precisa ser combatido, inclusive fora do país, pois as imagens divulgadas – particularmente em relação às mulheres brasileiras – mantêm uma visão preconceituosa e discriminatória.

Há uma vinculação costumeiramente divulgada nos meios midiáticos para fora do país, em relação à erotização da sensualidade das mulheres negras/mulatas brasileiras, fato que as coloca em um patamar de “produto sexual disponível” no mercado internacional.

A cultura branca [produziu] uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. [...] A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas, vistas como símbolo sexual. (hooks, 1995, p. 469).

A acadêmica vivenciou essa visão estereotipada da mulher negra brasileira durante o período de doutorado sanduíche na Europa.

*“Teve um momento que eu saí do Brasil, aí eu era mulher preta brasileira nordestina na Europa. O que ela está querendo aqui? O pensamento era que eu estava querendo o que as mulheres pretas*

*nordestinas procuram na Europa, pelo menos no conceito preconceituoso do que é exportado para fora do país. Ela não veio estudar, ela veio procurar um marido europeu, conseguir um passaporte, sei lá.” (ANNIE, 2018)*

Nessa perspectiva, a pesquisadora Adriana Piscitelli (2008, p. 269) argumenta:

A maioria das brasileiras que viaja não tem vinculação com esse setor de atividade. Entretanto, essa articulação entre marcadores de diferença é ativada independentemente de que as mulheres estejam ou não vinculadas à indústria do sexo. A ideia de que elas são portadoras de uma disposição naturalmente intensa para fazer sexo e uma propensão à prostituição, combinadas com noções ambíguas sobre seus estilos de feminilidade, tidos como submissos, com uma alegre disposição para a domesticidade e a maternidade tende a atingir indiscriminadamente essas migrantes. [...] Na Itália, as brasileiras são consideradas uma presença relevante na indústria do sexo e também integram os principais contingentes de esposas estrangeiras casadas com homens nacionais.

Annie enfrentou com firmeza a situação para se libertar da situação estereotipada e conseguir realizar com mais tranquilidade seus objetivos educacionais. É preciso que a sociedade se posicione em relação às mídias, não admitindo que as campanhas publicitárias, de modo geral, continuem apresentando a imagem de objetificação do corpo feminino. É uma luta que precisa ser enfrentada por todas/os.

### **Priorizar a carreira profissional em detrimento do cuidado familiar: liberdade de escolha ou transgressão das normas sociais impostas?**

As regras são sutis e veladas, em geral, as próprias mulheres não se dão conta que estão atuando de acordo com o processo estabelecido pelo poder patriarcal. A acadêmica Annie diz: “A norma é que a carreira não deve ser o primordial, a prioridade é a família de toda forma. Eu acho que houve algumas mudanças, mas sinceramente acho que essa ideia da mulher como voltada para a família não mudou tanto assim.”

Não se pode negar o pensamento de Annie, “essa ideia da mulher como voltada para a família não mudou tanto assim”, a maioria das mulheres ainda convive com a tripla jornada de trabalho, pois “[...] a socialização sexista inicial que ensina as negras e na verdade a maioria das mulheres, que o trabalho mental tem que ser sempre secundário aos afazeres domésticos, ao cuidado dos filhos ou a um monte de outras atividades servis, tornou difícil para elas fazer do trabalho intelectual uma prioridade.” (hooks, 1995, p. 471).

O cartunista Henfil, na *Revista Mulherio* (1982)<sup>7</sup> buscou retratar de forma lúdica a vida diária das mulheres, as quais vivem uma corrida estressante para se manterem atuantes nas duas esferas: pública e privada. Elas vivem o dilema de serem “mulheres exemplares”, assumindo cada vez mais as responsabilidades de múltiplas tarefas.

Figura 2 – Charge de Henfil (1982)



Fonte: *Revista Mulherio*, ano 2, n.7, p.4, maio/jun. 1982.

Segundo Londa Schiebinger (2001, p. 182),

As medidas de assistência aos filhos, como qualquer outro aspecto da cultura, não estão impressas na natureza, mas são configuradas por contingências sociais e prioridades políticas. [...] Ser cientista, esposa e mãe é uma carga em uma sociedade que espera que as mulheres, mais do que os homens, ponham a família à frente da carreira.

Annie se posiciona em relação a essas estruturas sociais que conduzem as mulheres a priorizarem a família em detrimento, muitas vezes, do avanço profissional.

*“Eu não sei lhe responder essa pergunta, realmente não sei se fiz essa escolha pela carreira deixando de lado a construção de uma família de forma muito consciente. Na verdade, é porque eu nunca pensei profundamente em formar uma família, talvez de alguma forma sim, fiz essa escolha pela carreira, talvez devido à criação que eu tive, talvez eu tenha uma resistência para entrar nesta sistemática que existe de obrigatoriedade de formar família. Eu hoje não consigo olhar de forma muito saudável para essas relações, talvez um dia eu até possa pensar diferente. Não sei, se eu tivesse um marido, ele teria que ser muito feminista, porque senão, eu não tenho facilidade para isso, eu não fui criada para isso.”(ANNIE, 2018)*

Os posicionamentos, as maneiras de vivenciar as trajetórias de vida são processos individuais, ligados a subjetividade de cada indivíduo, mas tais processos carregam muito da exemplaridade, das observações vividas no cotidiano. Portanto, podemos inferir que o direcionamento feito pela acadêmica em sua trajetória de vida está vinculado a ter sido criada pela força de uma mãe chefe de família, mulher batalhadora que, mesmo diante das discriminações sofridas, optou por lutar e proporcionar educação para a filha. Essa mulher integra os dados estatísticos do IPEA, que indica o crescimento, a cada ano, do número de famílias nas quais as mulheres assumem sozinhas a manutenção da casa, como chefes de família.

Quadro 1 – Famílias chefiadas por mulheres, segundo cor/raça da chefe de família

Cor/Raça		1995	2015
<b>NEGRA(contempla Pretos e Pardos)</b>	BRASIL	4.360.761	15.872.953
	Norte	322.007	1.732.295
	<b>Nordeste</b>	<b>1.911.712</b>	<b>6.056.276</b>
	Sudeste	1.583.350	5.869.698
	Sul	223.590	897.286
	Centro-Oeste	320.102	1.317.398

Fonte: IPEA [2015].

O discurso de Annie ao dizer *“talvez eu tenha uma resistência para entrar nesta sistemática que existe de obrigatoriedade de formar família”* demonstra uma quebra de paradigma em relação ao pensamento normativo que impõe à mulher a ideia de que deve manter como prioridade o casamento, a maternidade e o cuidado com a família. Annie luta para não se deixar acorrentar por modelos predeterminados. Ela continua seu discurso revelando que, ao enfrentar os modelos, ao se desvincular das *“caixinhas normativas”*, acaba provocando um conflito diante do olhar preconceituoso do outro: *“eu sinto que as pessoas me veem com o perfil de uma mulher egoísta, porque eu pensei primeiro na minha*



*carreira*". Esse fato se traduz em mais um preconceito existente na sociedade, é a ação pessoal, a liberdade de escolha sendo vista como uma 'transgressão'.

## ALGUMAS REFLEXÕES

Houve, sem sombra de dúvidas, nos tempos atuais, alguns avanços nos padrões de desigualdade social, principalmente após terem sido adotadas medidas de políticas públicas particularmente no que se refere aos meios educacionais, a exemplo das cotas nas universidades. Mas, infelizmente, ainda estamos longe de alcançar uma equidade hierárquica na pirâmide da sociedade.

As mulheres através de lutas e esforços próprios estão inseridas neste contexto de avanços e mudanças no rumo das suas histórias. Hoje, elas estão inseridas em todos os espaços acadêmicos, financeiros, políticos, tecnológicos. Contudo, essa inserção não está sendo acompanhada por um percentual numérico equitativo com seus pares homens, pois as relações desiguais de gênero ainda são marcantes em todos os setores, principalmente em áreas profissionais consideradas mais "duras" e vistas como mais apropriadas ao desempenho dos homens.

No que se refere às mulheres negras, a tríplice opressão – gênero/cor/classe social – continua atuando em suas vidas, mantendo-se seu lugar social na base da hierarquia, situação descrita por Sueli Carneiro (2019) como uma asfixia social. Sair desse lugar estigmatizado como inferior e submisso requer uma política de conscientização e respeito da sociedade, no sentido de valorizar todas as formas de diversidades étnicas e culturais.

Certamente, tal valorização será alcançada através de uma educação mais inclusiva e formadora de cidadãos e cidadãs conhecedores/as das histórias de todas as etnias que formaram o nosso país.

Neste sentido, apresentar a história de superação de uma mulher negra oriunda de classe social menos favorecida ressalta, no cenário social, a relevância da tão questionada representatividade da população negra, que em geral não se vê nos espaços considerados de maior prestígio e poder.

A trajetória acadêmica da jovem matemática Annie que, aos 28 anos, tornou-se docente com titulação de pós-doutorado em uma universidade federal e, mesmo assim, continua enfrentando os olhares de dúvida em relação ao seu pertencimento aos espaços das pesquisas científicas matemáticas, revela o grau de discriminação racista e sexista que ainda impera nos espaços científicos e tecnológicos.

Sua história ensina que a sociedade, muitas vezes, busca justificativas para o êxito profissional de uma mulher, tentando desconsiderar a sua inteligência e competência. Aquisição e aprimoramento de conhecimentos independem de gênero, cor, classe social, orientação sexual, religiosidade, nacionalidade e regionalidade.

Usando as palavras de Annie em relação a sua trajetória: "Eu trabalho muito, ralo muito para chegar onde desejo. As coisas não aconteceram de paraquedas, não aconteceram de um dia para o outro, houve muito estudo, muito trabalho". Neste sentido, lembremos que: "Tornam-se matemáticas(os), engenheiras(os), mulheres ou homens, com determinação, empenho, estudo, competência e

profissionalismo, características possíveis a qualquer ser humano independente das estereótipias que associam os caracteres biológicos ao sexo, à cor, de modo desfavorável para as mulheres. O sexo, a cor, a classe social, a nacionalidade, a orientação sexual, entre outras diversidades, não afetam a sua *performance*” (MENEZES, 2016, p. 109).

A história de determinação, empenho e mérito pessoal da acadêmica mostra a importância da sua representatividade como mulher negra doutora em Matemática para as futuras gerações de jovens aspirantes à seara da Ciência e Tecnologia.

# The challenges of differences: breaking expectations in the construction of scientific career

## ABSTRACT

This article presents reflections on the obstacles and intolerances experienced in the academic trajectory of a black researcher from a less favored social class, who in addition to facing the triple oppression – gender/ color/ social class, challenged the myths of the alleged “incompatibility” of women to Science fields considered “hard”, entering and becoming a researcher in the area of Mathematics. The semi-structured interviews were analyzed in the light of discourse analysis to reveal, in the academic’s speeches, the stereotypes faced and their forms of struggle and resistance to survive and advance in a field still undermined by racism and sexism. Her example of belonging and professional merits as a teacher/researcher translates into the importance of her representativeness as a black woman with PhD in Mathematics for future generations of young aspirants in the field of Science and Technology.

**KEYWORDS:** Women. Black. Social Class. Mathematics.

# Los desafíos de las diferencias: romper las expectativas en la construcción de una carrera científica

## RESUMEN

Este artículo presenta reflexiones sobre los obstáculos e intolerancias experimentados en la trayectoria académica de una investigadora negra de una clase social menos favorecida, quien, además de enfrentar a la triple opresión – género/color/clase social –, desafió los mitos de la supuesta “incompatibilidad” de las mujeres a los campos de las ciencias que se consideran “difíciles”, ingresando y convirtiéndose en una investigadora en el área de las Matemáticas. Las entrevistas semiestructuradas se analizaron a la luz del análisis del discurso para revelar, en los discursos académicos, los estereotipos enfrentados y sus formas de lucha y resistencia para sobrevivir y avanzar en un campo aún socavado por el racismo y el sexismo. Su ejemplo de pertenencia y méritos profesionales como professora/investigadora en Matemática se refleja en la importancia de su representatividad como doctora negra para las futuras generaciones de jóvenes aspirantes al campo de la Ciencia y la Tecnología.

**PALABRAS CLAVE:** Mujer. Negra. Clase Social. Matemáticas.

## NOTAS

<sup>1</sup> O nome fictício escolhido deve-se ao fato de Annie Easley ser uma cientista da computação e da matemática, mulher afro-americana, criada apenas pela mãe.

<sup>2</sup> “[...] o conceito de representatividade se traduz no ato de representar politicamente os interesses de um determinado grupo, ou seja, é atribuído a um indivíduo, integrante de dada classe, a função de desempenhar o papel de espelho da cultura, aparência e comportamento do grupo no qual está inserido”.

“Segundo o dicionário, representatividade deriva do termo representativo – ‘diz-se de um organismo a que se reconhece o direito de representar uma comunidade, uma nação’–, ou ainda a ‘pessoa, figura representativa, a que se distingue em sua classe’”. (MOURA; REIS, 2019, p. 112)

<sup>3</sup> Termo definido por Betina Stefanello Lima (2013, p.886) ressaltando “que os obstáculos encontrados pelas mulheres, simplesmente por pertencerem à categoria “mulher”, estão dispostos ao longo de sua trajetória acadêmica, e até mesmo antes, na escolha da área de atuação.”

<sup>4</sup> Segundo Sueli Carneiro (2019, n.p.) “A conjugação de racismo e sexismo produzem sobre a mulher negra um imobilismo, uma situação de ‘asfixia social’, de paralisia dentro da base hierárquica da sociedade.”

<sup>5</sup> De acordo com Munanga (2012, p. 12), não existe uma única identidade coletiva, “no processo de nosso crescimento e construção social, adquirimos novas identidades coletivas. [...] identidade política coletiva, identidade coletiva feminina, [...] identidade brasileira. [...] somos atravessados por uma pluralidade de identidades coletivas que, dependendo do contexto relacional se expressam mais fortes que as outras”.

<sup>6</sup> “A xenofobia é uma palavra que soa forte. É um tipo de preconceito caracterizado pela aversão, hostilidade, repúdio ou ódio aos estrangeiros, que pode estar fundamentado em fatores históricos, culturais, religiosos, dentre outros. Xenofobia não é apenas uma agressão contra uma pessoa por sua nacionalidade. A ideia central é a exclusão social de outra pessoa por sua origem, normalmente diferente daquele que executa os atos de xenofobia”. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/xenofobia-definicao-fatores-de-risco-e-prevencao/?gclid=EAIaIQobChMIkPn4pLm7QIVhBCRCh18CwHIEAAYASAAEgl2MPD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/xenofobia-definicao-fatores-de-risco-e-prevencao/?gclid=EAIaIQobChMIkPn4pLm7QIVhBCRCh18CwHIEAAYASAAEgl2MPD_BwE). Acesso em: 23 mar. 2020

<sup>7</sup> Apesar da charge ser de 1982, ela continua retratando o comportamento de muitas mulheres nos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

CHALHOUB, Sidney. **Jornal da Unicamp**, Edição especial: Cotas étnico-raciais, Campinas, 7 Jun. 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/06/07/meritocracia-e-um-mito-que-alimenta-desigualdades-diz-sidney-chalhoub> . Acesso em: 27 nov. 2020

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v.2, n.1(3), p. 68-80, jan./jul. 2005.

BRECH, Christina. O “dilema Tostines” das mulheres na matemática. **Revista Matemática Universitária**, n. 54, 2017. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~brech/gender/BrechTostines.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2020.

CABRAL, Carla Giovana; BAZZO, Walter Antonio. As mulheres nas escolas de engenharia brasileira: história, educação e futuro. **Revista de Ensino de Engenharia**, Rio Grande do Sul, ABENGE, v.24, n.1, p. 3-9, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. São Paulo, USP, 2003. Disponível em [https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod\\_resource/content/0/Carneiro\\_Feminismo%20negro.pdf](https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf). Acesso em: 2 abr. 2020.

CARNEIRO, Sueli. Não dá para falar de feminismo sem a mulher negra. **Portal Geledés**, 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-da-para-falar-de-feminismo-sem-a-mulher-negra-diz-sueli-carneiro/>. Acesso em: 05 maio 2020.

CARNEIRO, Sueli. Prefácio. In: RATTIS, Alecsandro José Prudêncio. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 11-13.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde: Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, supl., p. 117-132, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15s0/06.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2020.

hooks, bell. Ain't I a Woman: Black women and feminism. **Plataforma Gueto** [online]. 2014. Disponível em: [https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher\\_traduzido.pdf](https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf). Acesso em: 13 abr. 2020.

hooks, bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.3, n.2, p. 464-478, ago./dez. 1995.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Chefia de família: retrato das desigualdades de Gênero e Raça. **Portal do IPEA**. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores\\_chefia\\_familia.html](https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html). Acesso em: 23 abr. 2020.

JAPIASSÚ, Hilton. O projeto masculino-machista da Ciência Moderna. In: SOARES, Luís Carlos (Org.). **Da Revolução Científica à Big (Business) Science**: cinco ensaios de História da Ciência e da Tecnologia. São Paulo: EDUFF, 2001. p. 67-104.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n.49, p. 271-284, set./dez. 2003.

LIMA, Betina S. O Labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n.3, p. 883-903, set./dez. 2013.

LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de; MENEZES, Leopoldina Cachoeira; MENEZES, Márcia Barbosa de. Quem ensina matemática? Notas preliminares sobre uma investigação quantiquantitativa em Salvador-Bahia. In: REDOR, XX, 2018, Salvador. **Anais...** Salvador: REDOR, 2018. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/site/index.php/acervo/anais/anaisredor>. Acesso em: 20 abr. 2020.

LOMBARDI, Maria Rosa. Formação e docência em Engenharia, na ótica do gênero: um balanço de estudos recentes e dos sentidos da feminização. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília: Abaré, 2013. p. 111-136.

MELO, Hildete P. de; OLIVEIRA, André B. A produção científica brasileira no feminino. **Cadernos Pagu**, Unicamp, Campinas, n.27, p. 301-331, 2006.

MENEZES, Márcia Barbosa de. A trajetória profissional da “menina de saia estampada” caminhos iniciais de uma professora de Matemática em um mundo androcêntrico. In: SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar; MINELLA, Luzinete Simões Minella (Org.). **Gênero e ciências: mulheres em novos campos**. Salvador: EDUFBA: NEIM, 2016. p. 85-112.

MENEZES, Waléria. O Preconceito Racial e suas Repercussões na Instituição Escola. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, vol. 19, n.1, p. 95-106, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1311/1031>. Acesso em: 15 abr. 2020.

MOURA, Alice de Fátima Nogueira de; REIS, Ingrid Pereira. Jornalismo e Negritude: a representatividade da mulher negra na veiculação do Jornal O Liberal. **Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 3, n. 1, p. 103-122, jan./abr. 2019.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, Uberlândia, v.4, n.8, p. 06-14, jul./out. 2012.

NEGRI, Fernanda de. Mulheres na ciência no Brasil: ainda invisíveis? **Central de Conteúdo**, IPEA, 5 mar.2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/177-mulheres-na-ciencia-no-brasil-ainda-invisiveis>. Acesso em: 27 nov. 2020.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Revista Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011. Disponível em <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667/1873>. Acesso em: 20 abr. 2020.

PESQUISADORA do INPA escreve sobre matemática e gênero. 12 abr. 2018. Disponível em: <https://impa.br/noticias/pesquisadora-do-imp-a-escreve-sobre-matematica-e-genero/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiás, UFG, v.11, n.2, p. 263-274, jul./dez. 2008.

REDE BRASIL ATUAL. **Evasão escolar é maior entre jovens negros: é a violência do racismo.** 2019. Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2019/09/evasao-escolar-e-maior-entre-jovens-negros-e-a-violencia-do-racismo/> Acesso em 16 abr. 2020.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica.** São Paulo: Contexto, 2011.

REVISTA MULHERIO: Capa. Ano I, n.4, nov./dez. 1981. Disponível em <https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>, Acesso em 13 abr. 2020.

REVISTA MULHERIO: O trabalho dignifica o homem. Já a mulher, quem dignifica? Ano 2, n.7, maio/jun. 1982. Disponível em <https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar (Org.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia.** Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002, p. 89-120 (Coleção Bahianas, 8).

SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a ciência?** São Paulo: EDUSC, 2001.

TABAK, Fanny. **O laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino.** Rio de Janeiro, Garamond, 2002.

VALLEJOS, Adriana; YANNOULAS, Silvia Cristina; TINDERA, Syomara Deslandes; LENARDUZZI, Zulma. Lineamentos epistemológicos. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **A convidada de pedra: mulheres e políticas públicas de trabalho e renda: entre a descentralização e a integração supranacional.** Um olhar a partir do Brasil 1988-2002. Brasília: FLACSO: Abaré, 2003. p.270-305. Disponível em: <http://www.flacso.org.br/portal/pdf/pptr/347.pdf>. Acesso em: 10 maio 2012.



**Recebido:** 17/05/2020.

**Aprovado:** 20/11/2020.

**DOI:** 10.3895/cgt.v14n44.12336.

**Como citar:** MENEZES, Márcia Barbosa de. Os desafios das diferenças: rompendo expectativas na construção de uma carreira científica. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 263-285, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

**Márcia Barbosa de Menezes**

Avenida Adhemar de Barros, s/n, Campus Universitário de Ondina – Ondina. Salvador-Bahia

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

